



## OUVINDO AS MÃOS NA ESCUTA PSICOLÓGICA – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Felipe Cavalcante Nunes<sup>1</sup>  
Fernando Parahyba Diogo de Siqueira<sup>2</sup>  
Beatriz Valadares Russo<sup>3</sup>  
Adriano Jesuino da Costa Neto<sup>4</sup>  
Terezinha Teixeira Joca<sup>5</sup>

### RESUMO

Este estudo tem como objetivo relatar a experiência de um grupo de estudantes de psicologia, que fazem parte de uma liga acadêmica com a proposta de promover a escuta inclusiva da pessoa surda em uma clínica escola, de uma universidade particular da capital cearense. Trata-se de relato de experiência, com natureza descritiva, da prática de atendimentos ao sujeito surdo em sua primeira língua, no período de fevereiro a junho de 2022. O projeto surgiu a partir do contato dos estudantes da área da saúde com a língua de sinais e a cultura surda, que suscitou participar de uma liga acadêmica sensível à questão da atenção às pessoas surdas, na área da saúde. Para elaborar este estudo, adotou-se a observação participante, associada a utilização de diário de campo. Como embasamento teórico na psicoterapia breve focal. Percebe-se a relevância da proposta, por termos número reduzido de psicólogos bilíngues e são restritos às clínicas particulares.

**Palavras-chave:** Surdo, Língua de sinais, Atendimento acessível em Libras, Psicologia e saúde.

### INTRODUÇÃO

Ao ter contato com o mundo surdo, percebeu-se o quanto são esquecidos pelas políticas públicas nas informações e atendimentos em saúde. Com isso um grupo de estudantes de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), buscaram participar, juntamente com os estudantes de medicina da universidade, da Liga de Libras e Atenção à Saúde da Pessoa Surda (LILAS), a fim de obter maior conhecimento da Língua Brasileira de

---

<sup>1</sup> Graduado do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza - Unifor, felipecavalcantenunes@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Medicina da Universidade de Fortaleza - Unifor, fernandodiogo\_@edu.unifor.br;

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Medicina da Universidade de Fortaleza - Unifor, beatrizrusso@edu.unifor.br;

<sup>4</sup> Graduando do Curso de Licenciatura do Centro Universitário Leonardo da Vinci - Uniasselvi, e Intérprete de Libras da Universidade de Fortaleza - Unifor, adrianojesuino@unifor.br;

<sup>5</sup> Professora orientadora: Doutora, Universidade Autónoma de Lisboa - UAL e Professora da Universidade de Fortaleza - Unifor, , terezinhajoca@unifor.br;

Sinais (Libras), a língua materna da pessoa surda, e envolver-se nas ações para uma área da saúde que respeite as diferenças, mais especificamente, que haja acessibilidade comunicacional nos atendimentos. Pensando que para falar de suas dores de forma fidedigna ao que sente a forma mais adequada é utilizando a sua língua primeira.

A inquietação causada ao grupo gerou em torno da pergunta de partida: “Como escutar o surdo se não soubermos escutar com os olhos? Pois, para realizar tal escuta, faz-se necessário ouvir essa língua visual e aprofundar-se para compreender essa dor expressa pelas mãos. De uma população que vem crescendo e convivendo como estrangeiros em sua própria terra. Pois, de acordo com os registros, do ano de 2012, no Ceará dos mais de 526 mil cearenses com algum grau de deficiência auditiva, um pouco mais de 16 mil pessoas declaram-se surdas (CEARÁ, 2012). Entretanto, atualmente, no estado, não identificamos mais que uma dezena de psicólogos que façam uso da língua de sinais para o atendimento desta população. E os profissionais, que fazem uso desse recurso, se encontram em clínicas e em seus consultórios particulares. O que nos fez pensar que o primordial para atender essas pessoas é saber a língua de sinais. Então iniciamos as atividades com a aquisição de sinais básicos, posteriormente passamos aos sinais da anamnese e com o decorrer dos nossos encontros fomos adentrando aos sinais referentes a saúde mental, com o apoio de um tradutor/intérprete de língua de sinais (TILS) com expertise nos cursos do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UNIFOR, cenário do estudo.

A divulgação para os atendimentos ocorreu por meio da rede social *Instagram*, por ser bastante difundida entre ouvintes e surdos. Inicialmente, a proposta da LILAS para o atendimento psicológico foi publicada como um Grupo Psicoeducativo, que ocorreria nas quintas-feiras à tarde, com oito encontros para diálogos e trocas sobre a temática de família, adolescência, sexualidade, escola e temas propostos pelo próprio grupo. Ocorreram dez inscrições prévias, mas não compareceram. Apenas duas mulheres acima de 30 anos procuraram e revelaram o desejo de serem atendidas individualmente. Ao que acatamos, pois a nossa proposta era a escuta das pessoas surdas. E tivemos como base a proposta de atendimento de Sampaio e Holanda (2012) com a Terapia Breve Focal, por ser uma forma mais rápida e focal de trabalhar as demandas da pessoa que traz a sua dor.

Insistimos na divulgação do grupo. Mas percebemos que, apesar de haver inscrições, não compareciam. Deduzimos que poderia ser a dificuldade com o deslocamento e o receio do sigilo, além de ponderarmos que na comunidade surda, a maioria das pessoas se conhecem.

Para realizar o presente estudo que ocorreu de fevereiro a junho de 2022, tendo uma etapa inicial de preparação com a língua de sinais, nos meses de fevereiro e março, e a

segunda etapa com os atendimentos propriamente ditos. Fez-se uso do diário de campo (MINAYO, 2014) dos psicólogos em formação, os registros dos atendimentos e das reuniões com discussão do caso em supervisão. Os quais trazem como dados relevantes o desconhecimento da língua, a falta de políticas públicas para o atendimento acessível, e, a falta de informação sobre saúde para os surdos. Foi percebido um déficit nos cursos de graduação de Psicologia em capacitar os futuros profissionais para atender às demandas da comunidade surda, não se referindo apenas à falta de contato com a Libras, mas também, à falta de contato com esta cultura que também faz parte do nosso país.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo configura-se como relato de experiência (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2015) e as informações foram coletadas no diário de campo (MINAYO, 2014) dos participantes da *LILAS - Psicologia*, grupo com quatro psicólogos em formação, uma psicóloga/professora orientadora, um TILS, com conhecimento em sinais da saúde, e o presidente da Liga. Além de complementado pelos registros do prontuário, no que diz respeito aos aspectos mais abrangentes para compreensão do sofrimento expresso em outra língua e sujeitos oriundos de outra cultura, a cultura surda. Para tal, foi adotado o método descritivo (SEVERINO, 2016), com abordagem qualitativa (MINAYO, 2015).

O estudo ocorreu de fevereiro a junho de 2022, tendo uma etapa inicial de preparação com a língua de sinais, nos meses de fevereiro e março, e a segunda etapa com os atendimentos propriamente ditos e as supervisões, que ocorreram semanalmente, de abril a junho de 2022, na clínica escola da universidade a qual os ligantes pertencem.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para desenvolvermos a discussão dos dados levantados, elencamos 3 categorias: o desconhecimento da língua, falta de políticas públicas para o atendimento acessível e a falta de informação sobre saúde para os surdos.

- *O desconhecimento da língua*

Após anos de lutas, a comunidade surda conseguiu a regulamentação da Língua Brasileira de Sinais como segunda língua oficial do Brasil na data de 22 de abril de 2002, pela Lei 10.436. ( HONORA, 2009) Entretanto, apesar de ser considerada a segunda língua oficial do Brasil, a Libras não se encontra nas grades curriculares das escolas como o inglês e o

espanhol. Às vezes, tem-se Libras em alguns programas de graduação, mas o que se nota com certa frequência, é que esta disciplina é optativa e não obrigatória. Tudo isso contribui para o não conhecimento da maior parte da população da Libras.

O que nos faz refletir para que tipo de público estes futuros profissionais em formação estão se capacitando. Negar a existência de uma segunda língua oficial no Brasil, é negar uma parte da cultura de uma população. No caso, a cultura surda.

Vale ressaltar que a falta do conhecimento da Libras por quem atende, exige que haja imparcialidade do profissional intérprete que está intermediando o atendimento, para que não haja interferência na escuta do psicólogo, pois poderão surgir falas que não são do surdos, mas das escolhas realizadas durante o processo de interpretação. Ainda, pode surgir surdos que não dominam sua própria língua, expressarem-se com insegurança ou de maneira incoerente por não saberem um sinal específico que definam como se sentem, ou não saberem como se sentem por nunca terem aprendido a nomear e a diferenciar os sentimentos pois seus pais não sabiam como manter uma comunicação mais segura e clara.

Diante da realidade exposta, os ligantes de psicologia da LILAS buscaram cursar a disciplina optativa de Libras existente na universidade particular onde os atendimentos ocorreram, além de se matricularem em cursos externos para a aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira. Todavia, os estudantes de psicologia do projeto são ouvintes, logo, sua língua materna é o português. Por isso, foi necessário uma imersão na cultura surda através do auxílio de um intérprete para que os estudantes fossem aos poucos se apropriando, na medida do possível, às demandas desta comunidade.

Pelo fato dos estudantes de psicologia não serem fluentes em Libras, foi necessário o auxílio de um intérprete durante os atendimentos. Mesmo assim, foi notado dificuldades em usar as intervenções da psicologia geralmente pensadas para pacientes ouvintes. Pois não é só a língua que muda entre ouvinte e surdo, mas a cultura, a forma de ver o mundo, a interpretação dos fatos e até mesmo a diretividade ou não - diretividade na expressão.

Por isso, foram necessários vários reposicionamentos, reflexões, adaptações, quebra de paradigmas e, principalmente, flexibilidade para acolher aquele que estava ali, em busca de atendimento psicológico.

Mas apesar desta realidade, foi constatado que os surdos são pessoas que possuem sofrimentos tanto quanto os ouvintes. Que também questionam sobre o sentido da vida, que possuem conflitos familiares, também possuem incertezas e certezas tais como os ouvintes. Logo, cabe aos futuros profissionais de psicologia se capacitarem e se esforçarem para acolher também este público em específico.

- *Falta de políticas públicas para o atendimento acessível*

Segundo Aguiar e Cordeiro (2021), no Brasil, o atendimento psicológico à população surda é precário por falta de profissionais capacitados para este tipo de atendimento. Tanto ouvintes e surdos sofrem por conflitos, emoções, dúvidas etc. Entretanto, a diferença entre o ouvinte e o surdo neste aspecto é que o ouvinte ao procurar atendimento psicológico é atendido por usar a língua portuguesa para se comunicar, já o surdo enfrenta a barreira da comunicação por dificilmente existir profissionais capacitados e humanizados que consigam prestar um serviço de qualidade a esta população.

Percebeu-se que não há uma preocupação plausível com o direcionamento de prevenção e saúde para as pessoas com deficiência, dentre elas a comunidade surda. Assim, “as demandas de políticas públicas que promovam a adequada participação social, assim como a minimização de barreiras, inclusive as atitudinais, apontam para a necessidade urgente de que todos se envolvam na discussão dessa abordagem social da deficiência” (SERRA et al, 2020a, p.9). As autoras ainda acrescentam que faz-se necessário “criar programas de atenção básica que abranjam a temática da sexualidade de forma natural para as pessoas com deficiência e que não anulem os seus desejos, a sua orientação e escolhas” (Idem, p. 16).

A Liga e sua proposta de atendimento acompanha a tendência de se acordar para o acolhimento das pessoas com deficiência, como indicam Serra et al (2020b, p. 50):

A Psicologia vem se aproximando dos Direitos Humanos e inserindo-se nas políticas públicas para que amplie a sua visão clínica para uma dimensão mais social e possa atender a uma gama de pessoas, que se encontram marginalizadas dos espaços clínicos em decorrência do pouco conhecimento das especificidades das pessoas com deficiência, seus desejos e direitos.

Desse modo, há um grande investimento de tempo para o estudo da língua e dos sinais relacionados à saúde e em específico a saúde mental, para que possa ser desenvolvido a possibilidade de atendimento na língua materna do surdo, sem a interferência de um terceiro, o intérprete. Que, mesmo sendo capacitado em termos de escuta, manutenção de sigilo e neutralidade nos atendimentos, não deixa de ser uma terceira pessoa no setting terapêutico.

- *Falta de informação sobre saúde para os surdos*

Para Souza *et al.* (2017), os surdos, comparado aos ouvintes, são pessoas que buscam com menos frequência os serviços públicos de saúde, atitudes estas causadas pelo medo, desconfiança e frustração decorrentes da barreira comunicacional existente entre o profissional da saúde e o paciente surdo. Além do desafio comunicacional, os surdos

enfrentam o déficit de humanização na relação profissional-paciente, a falta de conhecimento pelo surdo do processo de saúde-doença, além da não-inclusão destes indivíduos à sociedade.

Totalizando as informações reunidas anteriormente, é de suma importância destacar a negligência dos serviços de saúde acerca da pouca divulgação de informações de saúde acessíveis em Libras, divulgadas em sua maioria em português, sendo muitas vezes, a segunda língua dos surdos. Diante disso, devido à diferença de línguas, muitos indivíduos surdos captam as orientações dos profissionais de forma equivocada ou fragmentada, o que prejudica o entendimento do tratamento e conseqüentemente a melhora de sua condição. (SANTOS et al., 2021)

Diante desta realidade de inacessibilidade a informações relacionadas ao processo de saúde-doença, a comunidade surda enfrenta o déficit de cuidados em relação à saúde, como exemplo, pode ser citado o contexto de pandemia ocorrido na contemporaneidade onde o conhecimento era a principal arma para derrotar o vírus causador da COVID- 19. Todavia, todas as informações, notícias, estudos e dados no Brasil, eram predominantemente em língua portuguesa, o que dificultava mais ainda a acessibilidade da comunidade surda ao conhecimento de formas de cuidado com a própria saúde e a saúde do próximo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, percebe -se a necessidade de cada vez mais abranger a perspectiva dos cursos de psicologia e dos profissionais em formação para um olhar atento às necessidades das minorias sociais, em especial da comunidade surda.

Afinal, a psicologia tem como dever fortalecer a luta contra a estigmatização e a exclusão de grupos socialmente minoritários. Desta forma, oferecer um atendimento digno à essa população é uma das formas de garantir seu direito de ser acolhido em seu sofrimento.

Portanto, concluímos que a proposta de acolhimento do sujeito surdo, em sua própria língua, assegura inclusão comunicacional na área da saúde e atenua o sofrimento do surdo que não consegue espaço para falar de si, expressando-se de forma que as pessoas compreendam com fidedignidade a sua dor. O estudo torna-se relevante à medida que revela a necessidade de políticas públicas que insiram vislumbre o atendimento ambulatorial acessível de forma comunicacional.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, K. de; CORDEIRO, E. C. R. Acessibilidade do surdo ao atendimento psicológico na saúde mental. **Revista de Saúde Coletiva**. Salvador, v. 2, n. 11777, p. 1-14, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/11777/8920>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- CEARÁ. Panorama das pessoas portadoras de alguma deficiência no Ceará. Ceará: IPECE, 2012.
- DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HONORA, M. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009. 352 p.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.
- SAMPAIO, P. P.; HOLANDA, T. C. M.. (Orgs) **Temas de psicologia II: psicoterapia breve focal – teoria técnica e casos clínicos**. Fortaleza: Unifor, 2012.
- SANTOS, S. K. da S. de L. et al (2021). Surdos e acesso à informação: antes, durante e após a pandemia da covid - 19. **Holos – II Dossiê COVID-19 e o mundo em tempos de pandemia**. 37( 3 ), 1 - 12. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/10829>. Acesso em: 19 jun 2022
- SERRA I. O. et al. A pessoa com deficiência e os entrelaces com as questões de gênero e de sexualidade. **Research, Society and Development**, 9(8): e728986157. 2020a.
- SERRA, I. O. et al. A invisibilidade do tema sexualidade e gênero na vida das pessoas com deficiência. In OLIVEIRA, Lucas Rodrigues (Org.). **Educação dilema contemporâneos. v. III**. Nova Xavantina: Pantanal, 2020b. p.44-52
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.
- SOUZA, M. F. N. S. et al. Principais dificuldades e obstáculos enfrentados pela comunidade surda no acesso à saúde: uma revisão integrativa de literatura. **Revista Cefac**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 395-405, jun. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201719317116>.